

Texto 1

Primeiro turno no Brasil mostrou que será preciso governar com o 'Mega-Centro-Oeste'

Economia global mudou a geografia política nacional

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC. Hoje é assessor especial do ministro Fernando Haddad (economia)

Folha de S. Paulo, 9.out.2022

O advento da China como principal parceiro comercial da América Latina foi o fenômeno mais estruturante do Brasil nos últimos dez anos. Enquanto os estados do Sudeste se arrastavam no marasmo da desindustrialização, a região Centro-Oeste passou pela fase mais transformadora da sua história. A era da pandemia é sinônimo de crescimento do PIB, fortalecimento da infraestrutura e inserção internacional.

Essa grande divergência pode ser identificada no universo cultural e financeiro. O sertanejo se especializou em narrar a rebelião do Centro-Oeste contra as elites litorâneas. Os bancos voltaram a atender o setor rural e celebram em suas campanhas o homem do campo. A Faria Lima ostenta seus empreendedores, mas quem faz rodar a máquina são os traders de commodities.

A região já manifestava a intenção de ir além da defesa de interesses setoriais e estender seu controle sobre a política nacional pelo menos desde 2016, alimentando as redes sociais e organizando o movimento evangélico.

A sabedoria popular ditava que o Centro-Oeste era poderoso economicamente, mas inofensivo eleitoralmente devido a sua demografia diminuta. No imaginário, ele ainda remete a imagens de extensas planícies de soja e pastagens pontualmente ocupadas por tratores e vaqueiros.

Historiadores lembravam que suas lideranças jamais conseguiram alcançar projeção nacional. Trancados nas bibliotecas e ocupados em brilhar nas redes sociais, os cientistas políticos tratavam a China como um ideal-tipo e sua ascensão global como um fenômeno mitológico, sem jamais atentar ao impacto na geografia política nacional.

Quando Tarcísio de Freitas foi lançado candidato, a oposição o caricaturou como um carioca alienado do estado de São Paulo. Só que Tarcísio não se posiciona como o postulante do Rio de Janeiro ou de São Paulo; ele é o candidato de Uberlândia e de Cuiabá.

Sua plataforma política é encarnar a transição industrial do interior de São Paulo e sacramentar a passagem de testemunho das aristocracias da indústria cafeeira aos setores que comandam o agronegócio. Historicamente conhecido pela sua identidade forte, o estado de São Paulo caminha para ser dissolvido dentro de uma macrorregião

que começa depois de Campinas e se estende até Barcarena como uma força homogênea, o Mega-Centro-Oeste.

Independentemente do destino do estado mais rico da federação, as elites litorâneas, ocidentais e atlantistas devem assumir sua condição periférica dentro de um Brasil Central atrelado geoeconomicamente à Ásia. Um país onde não tem PT nem Prerrô, tampouco GloboNews, e onde Adson e Alana cantam que "uma colheitadeira vale mais que uma Ferrari" e que "o Brasil não é mais o país do Carnaval [...] o Brasil agora é o país do agro".

Nesse clima de revolução cultural, dar espaço decisivo na campanha para Geraldo Alckmin, Simone Tebet e Helder Barbalho é muito mais do que estratégia eleitoral. É um imperativo sociológico. O primeiro turno mostrou que é preciso governar com o Mega-Centro-Oeste. Senão ele vai governar você.

Texto 2

Casos reais sobre religião e feminismo fogem das cartilhas

Evangélicas de classe média levam debate sobre direitos das mulheres para igrejas

Juliano Spyer

Antropólogo e etnógrafo especializado em pesquisa sobre ambientes digitais, consumidores emergentes e cristianismo evangélico.

Folha de S. Paulo, 1º.mai.2023

Recebi na semana passada mensagens de três evangélicas contando suas vivências na fronteira entre a religião e o feminismo. São casos narrados por mulheres advindas das camadas médias e altas, com títulos universitários e ligadas a igrejas históricas. Leia cada um a seguir.

Ingratidão: "Hoje sou uma espécie de mula sem cabeça para a comunidade da igreja que eu frequentei por 20 anos como esposa de pastor —e por muito mais tempo como membro. Mas a minha carreira ficou incompatível com a vida de esposa de pastor. Ao me separar, perdi toda a rede de amizades ligada à igreja, pessoas que acolhi em casa, ajudei, vesti seus entes queridos quando morreram, ensaiei coral, cuidei dos filhos. Nunca mais me cumprimentaram nem perguntaram se meus filhos e eu estávamos bem, se tínhamos contas para pagar. Foi como se a minha realidade estivesse costurada e, de repente, alguém puxou um fio..."

Faz de conta: "Na igreja em que cresci, o que mais vejo são mulheres empoderadas que interpretam personagens de mulheres submissas aos maridos. Em casa elas têm voz, mas na igreja elas reforçam o discurso de que a mulher é a rainha do lar e que seu papel maior é o da maternidade. É como se ali não existisse quem prioriza a vida profissional ou tenta conciliar maternidade e carreira. Todo mundo sabe que isso existe, mas esse lado da vida das mulheres fica silenciado na igreja. Ouço piadas machistas e fico procurando interlocutoras para falar sobre o meu incômodo, mas



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



vejo as mulheres rindo junto. Sei que outras sentem o mesmo que eu, mas é difícil nos manifestarmos ali."

Fé vs. Razão: "Particpei recentemente de um grupo de leitura e estudos feministas. Durante o encontro, uma das integrantes apresentou um vídeo de mulheres de uma igreja neopentecostal repudiando o feminismo. Daí essa participante concluiu ser impossível conciliar cristianismo e feminismo, e várias outras presentes concordaram. Me posicionei dizendo que aquilo era absurdo, que eu sou cristã, teóloga e feminista. Elas nunca tinham nem ouvido falar da teologia feminista. Foi tão decepcionante que abandonei o grupo. Depois me lembrei de amigas que disseram que grupos feministas têm dificuldades em lidar com feministas cristãs. Mas se eu tiver que abdicar da minha fé para estar nesse grupos, não vou participar."

As autoras desses relatos pediram ajuda a outras mulheres e não foram atendidas, nem dentro nem fora de suas comunidades de fé. Apesar disso, é nas igrejas históricas que evangélicas estão mais dispostas a criar pontes para defender os direitos das mulheres. Talvez mais até do que as feministas que não são cristãs.

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO (CJE)

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Prédio 2
Cidade Universitária. 05508-020. São Paulo. SP. Brasil
Fone: +55 11 3091-4117/4112
www3.eca.usp.br/cje | email: cje@usp.br